

**QUESTÕES EMERGENTES NA ESCOLA QUE PODEM TER COMO  
DESDOBRAMENTOS: O BULLYING A SAÚDE MENTAL DO ALUNO E AS  
PROFECIAS AUTORREALIZADORAS**

**Coordenadora:** Rosane Gumiero Dias da Silva

Neste trabalho, apresentam-se três pesquisas sobre algumas questões emergentes na escola que podem ter como desdobramentos a exclusão escolar: em discussão, o Bullying a saúde mental do aluno e a profecia autorrealizadora. A primeira pesquisa intitula-se: “**Bullying um fenômeno da violência escolar**”, pretende-se apresentar uma pesquisa realizada no ensino fundamental sobre possíveis fatores da exclusão escolar. Coloca-se em evidência os problemas relacionados à: rejeição, intolerância ao diferente e o isolamento provocado pelo Bullying. Evidencia-se estudos e pesquisas que nos alerta sobre a exclusão social influenciando na escolar o que evidencia ênfase em algumas das muitas variáveis sobre o fenômeno Bullying.

A segunda pesquisa intitula-se “**Profecias Autorrealizadoras: Reflexos Subjetivos**” objetiva apresentar questões e analisar a das influências de aspectos subjetivos no psiquismo de crianças e adolescentes a ponto de direcioná-los ao sucesso ou ao fracasso, tanto escolar como na vida. A subjetividade ao atravessar atos e ações, revela-se no desempenho dos alunos e no preconceito, no estigma, na exclusão e /ou na inclusão excludente docente, podendo levar o aluno ao sucesso ou ao insucesso educacional.

A terceira pesquisa intitula-se: **Conflitos Escolares: a importância dos conteúdos programáticos na promoção da saúde mental do aluno**, pretende abrir espaços para algumas reflexões sobre a importância de se trabalhar com conteúdos programáticos que promovam a saúde mental do aluno do ensino médio e que os auxiliem em possíveis transtornos mentais tais como: : Transtornos Depressivos, Transtornos devido ao uso de substâncias, Transtornos da Infância e da Adolescência, Conflitos Familiares e Ambientais, entre outros, que os impedem de frequentar a escola.

## **BULLYING UM FENOMENO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR**

Leonor Dias Paini  
Ivone Pingoello

### **Introdução**

Este trabalho tem como objetivo revisitar a literatura para refletir e analisar a exclusão a violência escolar para pesquisar a causa da vitimização do *bullying*, para verificar se esse comportamento tem como desdobramento o isolamento tanto da vítima, como do agressor.

### **Metodologia**

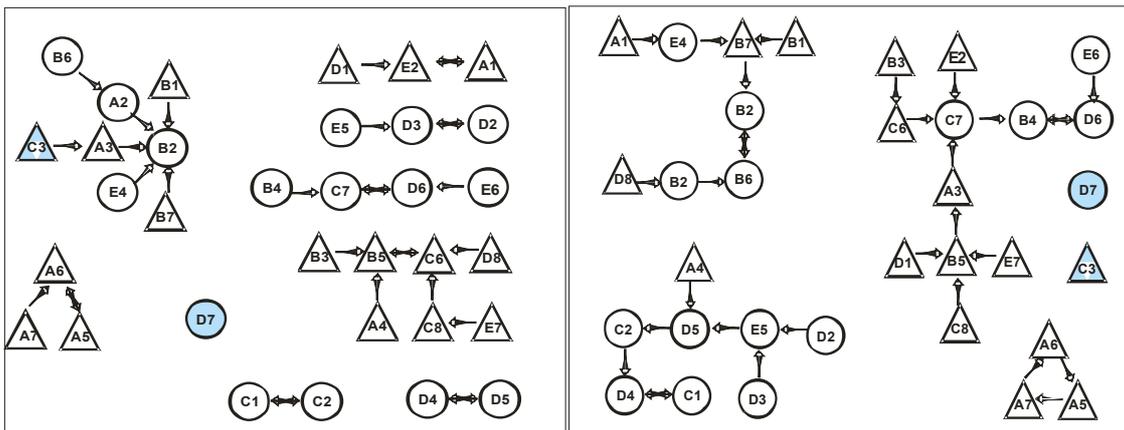
A população de referência para este estudo foi composta por 35 alunos de uma turma de 5ª série de uma escola pública. A faixa etária idades dos alunos oscilam entre 11 e 13 anos. Na observação foi adotada a técnica de registro cursivo, utilizando para as anotações, o Protocolo de Observações, seguindo o modelo de Danna e Matos (2006), onde cada ato agressivo observado, seguindo a categoria de comportamentos adotados pelos agressores e vítimas do *bullying* citados nas literaturas de referências, foi anotado no Protocolo com as respectivas identificações de autor e receptor, identificados por códigos. Ao final das anotações, observando-se a repetição de atos agressivos sofridos por um mesmo aluno, característica típica do *bullying*, este aluno passa a ter um quadro próprio, onde é transcrito a ação sofrida, podendo ser verificado então, se aquele aluno pode ou não ser considerado como uma possível vítima. As observações foram divididas em duas etapas: na primeira etapa o objetivo foi identificar a vítima, portanto, todos os alunos foram observados; na segunda etapa, as observações voltaram-se apenas para os alunos identificados como possíveis vítimas do *bullying* com o objetivo de confirmar os dados colhidos na primeira etapa e descrever os comportamentos adotados por estes. O teste sociométrico teve como objetivo verificar se o aluno vítima do *bullying* é excluído dos círculos de amizade. Para a aplicação do teste utilizamos o modelo de Saravali (2005) que consiste em solicitar ao aluno que escreva em uma folha

de papel o nome de dois colegas com os quais gosta de brincar na hora do intervalo, representando uma escolha afetiva e o nome de dois colegas com os quais gosta de fazer as atividades em sala de aula, o que representa a escolha intelectual. Os dados colhidos foram configurados, gerando o sociograma. Sendo quatro as opções de respostas, quatro sociogramas foram montados. O questionário teve como objetivo verificar qual a percepção que os profissionais envolvidos com a turma pesquisada têm a respeito do *bullying*, foram entregues 11 questionários, sendo que dois questionários destinavam-se aos dois orientadores do período e nove para os professores da turma.

### **Resultados**

A análise das observações apontaram para a existência de duas vítimas de *bullying* em sala de aula. Os alunos D7 e C3 foram alvos de insultos, apelidos pejorativos, atitudes de discriminação e de brincadeiras maldosas que humilham. O agressor da aluna D7 foi o aluno E7 e os agressores do aluno C3 foram os alunos A5 e A6. Quanto ao comportamento, os alunos D7 e C3 ficam isolados dos demais alunos em sala de aula, não fazem questionamentos aos professores, são fisicamente menores que seus agressores, são submissos frente aos ataques sofridos, não apresentando reações de defesa; não apresentam comportamentos agressivos. O diferencial entre os dois alunos é que D7 não toma iniciativas de contato com alunos da sala, já C3 apresenta comportamentos nos quais evidencia que quer participar de atividades junto aos outros alunos. C3 não apresenta comportamentos de auto-exclusão, o fato é que ele não conta com a simpatia dos colegas, que seria a rejeição sociométrica. Esta rejeição pode ser explicada pela má interpretação dos comportamentos adotados por C3, que se comporta de forma calma, não é agressivo e trata de forma educada os colegas e professores. Conforme Costantini (2002) este comportamento pode ser visto como o de alguém considerado fraco ou *gay*, o que corresponde aos apelidos pejorativos usados pelos agressores de C3 para designá-lo. C3 não se encaixa dentro do “código dos meninos” fato que o expõe à ridicularização e à vitimização. D7 apresenta características de timidez, passividade, submissão, possui uma única amiga, está sempre de cabeça baixa e não faz questionamentos aos professores. A posição em que fica sentada na carteira,

sempre de cabeça baixa e a ausência de contatos com outros colegas e com os professores pode ser indícios de fuga, medo de chamar a atenção de seu agressor e sofrer novos ataques que irão incrementar seu sentimento de vergonha por uma característica particular sua que a diferencia dos demais alunos e que a faz ser alvo de humilhações. D7 é negra e seu cabelo é alvo de chacotas, sua letra foi chamada de “garrancho” e seu caderno foi dito como “comprado em bazar beneficente”, o que em princípio poderia ser designado como brincadeira, Lima & Vala (2004) definem como “racismo cordial”, atitudes preconceituosas contra um grupo desvalorizado perante a sociedade na hierarquia de poder; D7, além de sofrer preconceitos também é alvo do racismo, atitudes agressivas que fazem parte das características do *bullying*. Os resultados dos sociogramas, gerados a partir das respostas do teste sociométrico, apontaram os alunos D7 e C3 como excluídos das escolhas tanto afetivas como intelectuais. Os sociogramas 01 e 02 correspondem a questão do critério afetivo. As meninas são representadas por círculos e os meninos por triângulos. A pergunta feita para os alunos foi: Com quem você gosta de brincar na hora do intervalo? Os alunos tiveram duas oportunidades de escolhas e as respostas resultaram nos seguintes sociogramas:

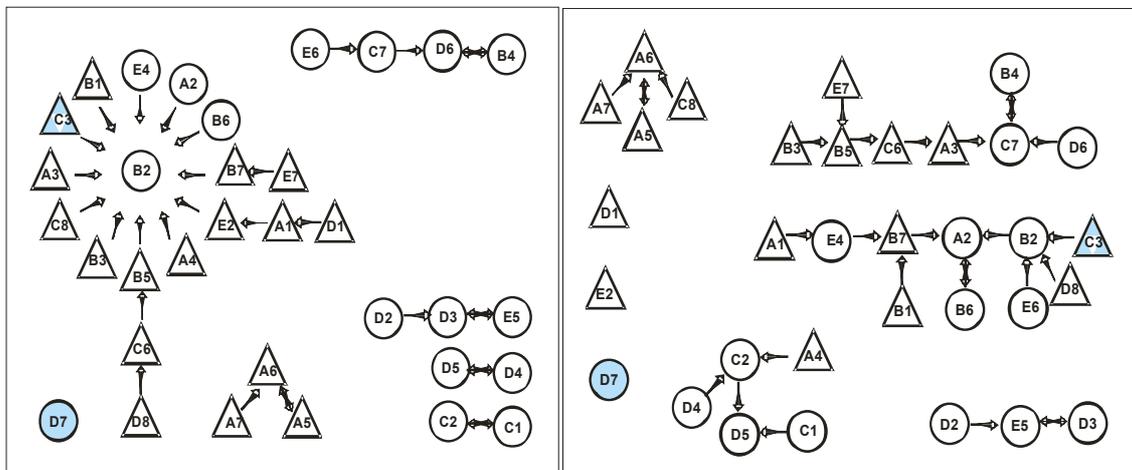


Sociograma 01

Sociograma 02

No sociograma 01 o aluno C3 ocupa a posição de rejeitado e no sociograma 02 ele aparece na posição de isolado; no sociograma 01 e 02 a aluna D7 ocupa a posição de isolada, seguindo as descrições de Saravali (2005). Observando-se as estruturas

relacionais de toda a sala nestes dois sociogramas, percebe-se a formação de grupos fechados limitando a interação a apenas aqueles que fazem parte do grupo, mesmo com algumas mudanças nas escolhas no sociograma 02, as famosas “panelinhas” continuam a se sobrepôr, 13 alunos aparecem na posição de rejeitado no sociograma 01 e o número de rejeitados é de 12 alunos no sociograma 02. O terceiro e o quarto sociograma referem-se à escolha intelectual. Sugerimos que a professora iria pedir que fizessem um trabalho em sala de aula, a pergunta foi: Quem você escolhe para fazer o trabalho com você? A partir das respostas foi elaborado o terceiro sociograma; respostas dadas para o terceiro sociograma, sugerimos que o professor havia mudado de idéia e que a equipe poderia ser composta por três alunos e a pergunta foi: Quem você escolhe para completar a equipe? Os sociogramas originados das respostas dos alunos foram os seguintes: Sociograma 03 e 04



Sociograma 03

Sociograma 04

Nos sociogramas 03 e 04 a aluna D7 ocupa a posição de isolada e o aluno C3 aparece na posição de rejeitado. As escolhas do sociograma 03 demonstraram o interesse em apresentar um bom trabalho, pois recaíram sobre a aluna B2, considerada a melhor aluna da sala, os grupos mais fechados se mantiveram fiéis às amigas e o número de rejeitados é de 15 alunos nestes dois últimos sociogramas. Os sociogramas confirmaram a tendência da sala: alunos isolados e grupos fechados. A falta de interação entre os

alunos e a formação de grupos fechados favorece um clima de hostilidade e falta de cooperação. Observa-se que em todos os quatro sociogramas os alunos A5 e A6, agressores do aluno C3, mantiveram-se unidos, formando um grupo fechado constituído de agressores e E7, agressor da aluna D7 ocupou a posição de rejeitado em todos os sociogramas. A aluna D7 ocupou a posição de isolada em todas as opções de escolha, fato que comprova seu isolamento social e também sua auto-exclusão. O isolamento é uma das características mais marcantes do *bullying*, talvez a mais nefasta, não tendo com quem contar, com quem conversar, a vítima passa a maior parte do tempo sozinha. Segundo alguns autores, o isolamento contraria a necessidade de interação social própria do ser humano, estas crianças, para o autor, geralmente são tímidas, assustadas e reservadas, não causando problemas de perturbação da aula e por este motivo, não é percebido pelo professor como alguém isolado, mas sim como um aluno disciplinado, ignorando a condição de isolamento. C3 e D7 são vistos pelos professores como bons alunos por estarem sempre quietos. Ser bom aluno não significa ficar quieto em seu lugar, ser bom aluno significa aprender e usar o aprendizado para interagir com as outras pessoas, neste quesito, a escola pode não estar conseguindo cumprir seu papel social de formação quando, segundo Saravali (2005) ela privilegia o campo das disciplinas curriculares e se esquece das interações como conclusão do processo ensino/aprendizagem. Quanto aos questionários, neste artigo optou-se por destacar as questões mais relevantes para a interpretação da percepção dos orientadores e dos professores da turma pesquisada sobre a exclusão e suas conseqüências sobre o aprendizado dos alunos. Dentre as questões feitas, foi questionado como é o relacionamento entre os alunos na turma, nas respostas foram citados problemas como a formação de grupos fechados, tendo como conseqüência a existência de alunos que ficam às margens destes grupos, a indiferença e o individualismo. Foi perguntado sobre quais os motivos da exclusão, nas respostas foram citados os fatores timidez, ser medroso e promover a auto-exclusão, colocar apelidos ou xingar, ser intimidador, ser indisciplinado. Ser tímido e medroso e promover a auto-exclusão são características típicas das vítimas do *bullying* a própria timidez faz com que estes alunos tenham dificuldades em ampliar seu círculo de amizade, a auto-exclusão pode ser o medo de ser

ridicularizado por não enquadrar-se nos padrões definidos como aceitáveis. Colocar apelidos ou xingar, ser intimidador, ser indisciplinado são características próprias do agressor que são vistos como crianças más e por isto são excluídas. Questionados sobre quais são os comportamentos adotados pelos alunos excluídos na turma em questão, os professores responderam que estes alunos são pouco participativos, ficam calados, ficam isolados por sentirem-se discriminados, nem sempre estão à vontade em sala de aula, têm complexo de inferioridade; os excluídos por indisciplina tentam se aparecer o tempo todo. Em relação a questão se o aluno excluído apresenta o mesmo desempenho escolar apresentado pelos alunos não excluídos, os orientadores da turma pesquisada fizeram os seguintes relatos: “... Não posso generalizar, mas alguns, por eles próprios, se trancam em seu mundo interior obstruindo canais de aprendizado”. “Não, pois gera desequilíbrio na turma e os excluídos quando não fazem suas atividades, tarefas, provas, trabalhos, além de não mostrarem interesse, ninguém se oferece a ajudar, com isso seus rendimentos escolares ficam a desejar”. Na concepção de dois professores os alunos excluídos apresentam desempenho escolar fraco se comparado com os alunos não excluídos, nas respostas dos orientadores fica claro que o baixo desempenho escolar pode ser consequência da pouca ou nenhuma interação com o grupo, da falta de troca de informações e cooperação dos colegas, um dos pontos mais importantes nas relações interpessoais. Uma das características dos alunos envolvidos com o *bullying*, tanto para o agressor como para a vítima, é o baixo rendimento escolar, portanto podemos considerar a exclusão como causa e efeito; o aluno pode ser excluído por apresentar baixo rendimento, como também pode apresentar baixo rendimento escolar por estar excluído das relações sociais da sala de aula, ficando às margens das trocas de informações e cooperação entre o grupo.

### **Conclusão**

Os dois alunos identificados como vítimas de *bullying* apresentam comportamentos típicos citados pelos especialistas e a confirmação da rejeição e isolamento de ambos por meio do teste sociométrico, reafirma a ação nociva deste fenômeno. A aluna D7 passa despercebida pelos professores por seu comportamento

considerado disciplinado, mas o que não pode passar despercebido nesta pesquisa é seu isolamento total na sala de aula, fato observado e confirmado nos testes sociométricos. O aluno em situação de isolamento terá sempre os mesmos problemas e as mesmas soluções, os mesmos pensamentos e idéias porque não haverá troca de informações com outros que vivenciaram problemas diferentes, que testaram soluções diferentes; portanto, seu desenvolvimento fica prejudicado, limitado ao espaço que o rodeia. Um aluno isolado representa uma formação prejudicada, um desenvolvimento limitado e uma exposição ao sofrimento da rejeição.

#### **Referências**

- Costantini, A. (2004) **Bullying, como combatê-lo?** prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Tradução: Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora.
- Danna, M. F;(2006). **Aprendendo a observar**. São Paulo: EDICON.
- Lima, M. E. O.(2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**. v. 9, n. 3, p. 401-411.Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>>. Acesso em 27 fev. 2008.
- Saravali, E. G.(2005) **Dificuldades de aprendizagem e interação social** – implicações para a docência. Taubaté: Cabral Editora; Livraria Universitária.

## **PROFECIAS AUTORREALIZADORAS: REFLEXOS SUBJETIVOS**

Elaine T. Dal Mas Dias

### **Introdução**

Este trabalho apresenta as primeiras reflexões de um dos ramos de uma pesquisa realizada em uma escola pública do município de São Paulo financiada pelo CNPq/Capes<sup>1</sup>. Busca compreender as *profecias autorrealizadoras* no contexto escolar e desvelar seus itinerários em alunos adolescentes. Sabe-se que tais profecias são investigadas há mais de um século e tem experimentos replicados sistematicamente na tentativa de se estabelecer conexões e/ou comprovações entre os eventos pressagiados, sua efetivação e a influência em seus protagonistas. Os trabalhos pioneiros sobre a temática ampliaram os caminhos para as averiguações das influências de aspectos subjetivos no psiquismo de crianças e adolescentes a ponto de direcioná-los ao sucesso ou ao fracasso, tanto escolar como na vida. Trabalhos recentes sustentam que o insucesso educacional tem um vínculo estreito com a subjetividade de docentes, que, ao tenderem à antecipação das dificuldades de seus alunos independentemente dos motivos, interferem no ensino e na aprendizagem. Sabe-se que as atitudes e os comportamentos humanos manifestos embutem elementos latentes que comprometem as percepções, as motivações e/ou as representações dos fenômenos cotidianos. Nessa dimensão, a subjetividade, ao atravessar atos e ações, revela-se no desempenho dos alunos e no preconceito, no estigma, na exclusão e /ou na inclusão excludente docente. É preciso considerar que essas leituras decorrem da discriminação do segmento social, da etnia, da raça, da subnutrição, da privação cultural, de diagnósticos e psicodiagnósticos incorretos, entre outros elementos. Apesar da insistência da área das ciências humanas, entre elas a psicologia e a educação, em mostrar o prejuízo da rotulação e da culpabilização de crianças e suas famílias, observa-se a persistência do

---

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa Científica apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Processo 400703/2011-4.

afastamento daqueles que não respondem o que deles se espera. Deste modo, a reposição de uma identidade pressuposta pode ser apropriada como imutável, congelando o processo de identificação que é contínuo e plástico e, muitas vezes, encaminhar à estigmatização de crianças e adolescentes. A constituição subjetiva sofre influência sociocultural, constituindo-se gradativamente e conformando-se de acordo com as normas e regras ou contra elas. A compreensão da adolescência é enquadrada, invariavelmente, na corrente contrária da normalização. É um período do desenvolvimento humano compreendido com insurgente, conflituoso e problemático, e resistente à aceitação dos preceitos e valores instituídos. O entendimento desse tempo como necessariamente tenso, conforme propõem inúmeras formulações desde a Antiguidade, intervém no modo como se dirige o olhar aos jovens que vivem o momento intermediário entre a infância e a vida adulta, criando uma identidade-mito que, de certo modo, encaminha o indivíduo a cumprir o que dele se imagina. O adolescente se torna então um aborrescente que incomoda, é temido e rejeitado. O professor, sob essa influência, como também parte da sociedade, sente-se incapaz de um contato mais próximo, de captar os interesses e expectativas, de fazer-se importante e de exercer o ato educativo, seja pela desconsideração ou desinteresse dos alunos, pela desvalorização do papel e da função docente ou pela dificuldade em alcançar a juventude. Alguns estudiosos asseveram que os adultos que não conseguem lidar com adolescentes se esqueceram das próprias adolescências e dos episódios vividos. Outros consideram que os comportamentos dos jovens são muito valorizados e incompreendidos, razão pela qual os conflitos são frequentes. A questão é saber se é possível ensinar alguém que é considerado incapaz de aprender, incapaz de atenção, incapaz de concentração. A profetização do caráter da adolescência tem dificultado a educação dessa população. Necessita-se de uma reforma do pensamento e esta se faz empregando por intermédio de outra percepção de mundo e do mundo das ciências. Entende-se que o caminho que permite essa possibilidade é o pensamento complexo, primeiro por conceber a conjunção do uno e do múltiplo (*unitat mumtiplex*); segundo, por ser um conhecimento que traz em si mesmo o desconhecido, o erro e a ilusão; terceiro, por descrever os fenômenos na conjunção de seus elementos, na concorrência

de seus antagonismos, na identificação complementar, na imperfeição, no acaso, no acidental, na ordem, na desordem, na certeza, na incerteza, no sujeito e/ou no objeto. Na concepção complexa a noção de sujeito se conjuga com a de indivíduo, congrega o biológico, o atitudinal, o cognitivo e o sociocultural, indicando o enredamento organizacional do ser; inclui a proposição literal de egocentrismo que designa estar no centro de seu mundo; as ideias de auto-organização que se modificam continuamente, vinculam-se à autonomia, à dependência e a autorreferência; e de exclusão/inclusão, reveladas na conjunção e interdependência entre Eu e eu, e na ação que afasta e nega o outro inscrito em mim, como presença e possibilidade de alteridade. Os princípios de exclusão e inclusão, além de completarem a noção de sujeito, enunciam a inseparabilidade, a conjunção e a interdependência entre o subjetivo e o objetivo, associando a ação que afasta e nega o outro com a inserção e a complementação da sua inscrição em mim. Essas considerações lembram que em cada um coexiste um duplo revelado na configuração do Homo complexus, que se apresenta na união dos opostos, na subjetividade humana, na influência socioambiental, se presentifica no dicotômico, na estabilidade e na instabilidade, na angústia e no desprendimento, na violência e na ternura, e na reificação e na racionalização do cotidiano que escamoteiam o Homo demens e exaltam o Homo sapiens. Compreende-se subjetividade como um sistema que organiza e desorganiza o mundo interno e o externo do sujeito, interdita e propicia o desenvolvimento e o crescimento pessoal, coloca o passado tangenciando o agora do presente e granjeando o futuro, comporta a afetividade, fazendo-se na intersubjetividade, no contato e na proximidade interpessoal. Os complexos imaginários ajudam a entender essa dinâmica ao facilitarem a expressão de sentidos por meio da projeção, da identificação e da transferência como elementos interdependentes e em associação ao sistema psíquico.

### **Metodologia**

Procurou-se instituições interessadas no desenvolvimento de ações conjuntas com a finalidade de melhoria do ensino e escolhida a Escola Estadual Orestes Guimarães localizada no bairro do Pari do município de São Paulo. A opção se deu, em especial,

pela localização, pela clientela e pelas queixas dos professores e da direção. A escola oferece aulas nos períodos da manhã, vespertino e noturno e atende 1600 alunos divididos em 52 classes, sendo 20 de ensino fundamental I, 18 de fundamental II e 12 de ensino médio e duas classes de Recurso para o atendimento de alunos que apresentam deficiências. Nos fins de semana proporciona oficinas e recreação pelo programa Escola da Família. As queixas se assemelham às de outras, mas distingue-se pela comunidade atendida de imigrantes asiáticos e latinoamericanos, pelas moradias encurtadas, pelas dificuldades de higiene e pela incompreensão dos educadores.

### **Resultados**

Nessa ambiência realizou-se acompanhamento de duas HTPCs, uma reunião de pais e observação de aulas de dois professores, que foram os únicos a permitir a permanência em sala da pesquisadora. Nessas ocasiões foram registradas as impressões em diário de campo. As salas, uma de terceiro e outra de segundo ano do Ensino Médio, têm registrados 40 alunos cada uma, mas a frequência diária é de 20.

### **Análise**

Nas HTPCs a explicação para a defasagem entre o número de matriculados e o de frequentes é a aprovação automática e a falta de interesse. Ainda durante essas reuniões, notou-se que alguns docentes discriminam muitos alunos, afirmando que são usuários de drogas ou traficantes, desrespeitosos, agressivos; quanto aos familiares entendem que não se interessam pelo comportamento dos filhos. Notou-se também, resistência em mudar práticas, descrença na educação e dificuldade em trabalhar com uma faixa etária distante e distinta da idealização que cada docente faz de sua atuação, resultando em um número exacerbado de faltas e de afastamento por doença, desconsideração do aluno, exclusão da aula por desatenção e desrespeito. A reunião de pais, contrariamente ao descrito pela coordenação e pelos professores nos encontros iniciais de apresentação do projeto de pesquisa, contou com um número significativo de presentes interessados no desenvolvimento escolar e no comportamento de seus filhos; há que se destacar que tais reuniões ocorrem no período de aulas e que inúmeros pais não têm condições de deixar

o emprego nesse horário. Nas aulas observadas os alunos são atenciosos aos chamados dos professores, prestam atenção às explicações, anotam as atividades e realizam as tarefas sugeridas, entregam os trabalhos e realizam provas mesmo que em determinados momentos usem os celulares para enviar mensagem, conversem entre si, brinquem com os colegas, peçam auxílio, estejam de boné.

### **Conclusão**

As observações têm revelado que as profecias, efetivamente, tem valor preditivo, pois os professores que autorizaram a presença da pesquisadora entendem a adolescência como período interessante e acreditam que não impede a aprendizagem, mas os que entendem o momento como necessariamente problemático não conseguem trabalhar com os alunos, pois exigem silêncio absoluto, celulares e bonés guardados, atenção focalizada, entre outras atitudes. As civilizações não conseguiram reduzir e nem debelar a barbárie interior humana, em especial, a porção ligada ao individualismo. Muito pelo contrário, esse componente se revela amiúde, expressando-se pela incompreensão e pelo distanciamento de si mesmo e dos outros. No cotidiano, são inúmeras as ocasiões em que os personalismos e a ausência de solidariedade confirmam esse estado de coisas, visto que o esgarçamento das relações sociais atravessa sentimentos e afetos, suscitando violência e distância. A velocidade das comunicações e o conhecimento objetivo, de fato, não têm contribuído para a superação desses episódios. A alteração desse panorama pede a conscientização das situações que dificultam o trânsito entre o sentido e o expresso, e, nesta leitura, a teoria da complexidade esquadrinha vias de escape e de conversão em duas proposições: na *ecologia da ação* e na *compreensão complexa*.

**CONFLITOS ESCOLARES: A IMPORTANCIA DOS CONTEUDOS  
PROGRAMATICOS NA PROMOCÃO DA SAUDE MENTAL DO ALUNO.**

Rosane Gumiero Dias da Silva

**Introdução**

Sabemos que, a estrutura educacional para o jovem é o nível médio. Uma de suas funções é a formação e o desenvolvimento integral do adolescente, voltado para sua formação intelectual, social, emocional e psíquica. Esse período da adolescência é caracterizado por transformações cognitivo-afetivas, biológicas, interpessoais, enfim, biopsicosociais, causadoras de crises, conflitos e desequilíbrios próprios dessa fase de desenvolvimento humano. É neste sentido que nós, psicólogos educacionais, devemos contribuir para que esse período seja entendido, definido e que contribua para a saúde mental, formação e desenvolvimento do nosso jovem. Na verdade, vivemos num sistema de inter-relações, o que ocorre no âmbito da sociedade repercute dentro da escola, na aprendizagem e desenvolvimento integral do aluno. A compreensão desses fundamentos - pode explicitar como podemos desenvolver um processo de ensino, a partir de um currículo reformulado, que realmente contribua para que os alunos do ensino médio – formação de professores concebam a saúde e saúde mental um direito de todos. No Brasil, hoje, a saúde é um dos direitos humanos, no entanto, não é uma questão fácil de discutir e resolver uma vez, que insere o direito de não ficarmos doentes. A literatura brasileira argumenta que a saúde do homem esta vinculada à qualidade de vida que ele possui na sociedade em que vive. Consideramos qualidade de vida como um somatório dos fatores que interferem na vida do indivíduo, em suas múltiplas dimensões (física, social, mental, emocional, entre outras). Um dos grandes objetivos do Relatório Sobre a Saúde no Mundo (2001) é a promoção da saúde mental. Vale estar frisando também que atualmente, as novas concepções de saúde mental abrangem diversos fatores: biológicos, psicológicos e sociais. Dentre esses fatores destacamos: stress psicológico; falta de perspectiva no futuro; exploração sexual; limitadas oportunidades educacionais, entre outros. No entanto, para que realmente se promova o bem estar social, é necessário o envolvimento e a parceria com vários

segmentos sociais. Podemos priorizar: a comunidade; a família; o apoio às pesquisas; o estabelecimento de políticas, programas e legislação nacionais; preparação de recursos humanos; a utilização da mídia para informações, o respeito aos direitos humanos e o apoio a outros setores, entre eles a Educação. Estima-se que até o ano 2000, as questões abordadas sobre saúde na escola, principalmente saúde mental, vinculam-se à visão reducionista da saúde e enfatizam os seus aspectos biológicos, “mesmo ao considerar a importância das condições ambientais mais favoráveis à instalação da doença, a relação entre o ‘doente’ e o ‘agente’ causal continuou - e continua até hoje - a ser priorizado” (Brasil, 1998, p. 257).

### **Metodologia**

Esta pesquisa foi realizada por meio de reconhecimento e análises realizadas no Projeto Político Pedagógico de uma escola pública Estadual. Analisou-se as ementas e os conteúdos programáticos das disciplinas de Filosofia, Psicologia e Sociologias com o intuito de conhecer se estas disciplinas elencavam em seus conteúdos programáticos, temas relevantes para a promoção da saúde mental do aluno. . Realizou-se também, entrevistas com os professores das disciplinas e três alunos que as cursavam no momento da pesquisa.

### **Resultados**

Os Conteúdos Programáticos Elencados por nós como via de acesso na promoção da saúde mental do jovem foram: Estudos socioantropológicos sobre a educação e a escola no Brasil - a urbanização e a escola - a demanda escolar. -A urbanização e as periferias das grandes cidades. - Falta de vagas; evasão e repetência, programas governamentais para a manutenção do aluno na escola. - Concepção de criança/infância como construção histórica e social. A criança no Brasil rural. A criança no campo. O trabalho infantil. Experiências do MST e ONGs voltadas para a educação dos trabalhadores do campo. -Teorias clássicas e contemporâneas. O positivismo de Émile Durkheim (conceitos básicos, implicações sociais e implicações na educação). O materialismo de Karl Marx (o materialismo dialético e o materialismo histórico). - A Escola no Brasil.

### **Análise e Conclusão**

De modo geral, os conteúdos programáticos das disciplinas elencadas não apresentam assuntos específicos sobre saúde mental segundo as normas estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde, onde são discutidos dificuldades e transtornos mentais. No entanto ao analisarmos suas particularidades, percebemos um avanço nas disciplinas em promover o bem estar dos jovens, perante algumas concepções teóricas, registradas nos objetivos e temas desenvolvidos nos conteúdos. Ao que nos cabe refletir sobre a disciplina Fundamentos Filosóficos da Educação, sugere em seu contexto, questões referente ao ser humano na atualidade; sua ética, moral, a importância de estar no mundo, neste determinado período histórico e sua consciência da luta de classes e seu valor enquanto filósofo, ou seja, um ser pensando e possuidor de conhecimentos que busca a transformação em seu meio. Sabemos que estes aspectos são requisitos necessários para que o jovem conheça sua origem e se reconheça como um Ser histórico que pode e deve se apresentar ao mundo de forma a não ser totalmente escolhido pelo poder econômico, político e social, sabendo, portanto, que os acontecimentos são também históricos e não somente individuais, onde não há culpa sobre ter ou não capacidades e habilidades. Salientamos que o importante para nós é que o jovem compreenda as questões do cotidiano em todo o âmbito social e busque sua autorrealização. Se de fato esses conteúdos estiverem sendo priorizados no cotidiano escolares, nós, investidores da educação e do bem estar social, estamos dando um primeiro passo para melhorar nossa condição humana. Quanto aos conteúdos programáticos da disciplina, Fundamentos Psicológicos da Educação, são interessantes à apresentação do Ser humano por meio das concepções do desenvolvimento. Numa primeira instância, voltamos a enfatizar se realmente se trabalha na prática de sala de aula, as questões do Inatismo, Ambientalismo e Interacionismo, está se preparando o aluno a conhecer as ideologias dominantes de cada período da história e as concepções de homem correspondentes. Esse é um dos aspectos que possibilitam a promoção do bem estar mental, nos transtornos da infância e da adolescência. Por fim, os aspectos Sociológicos da Educação que tem a preocupação de delinear as concepções de criança/infância como construção histórica e social, priorizando as questões sociais

como a realidade rural e urbana, dificuldades em manter as crianças na escola, o trabalho infantil e principalmente a ação do governo frente estas questões. De fato, essa realidade nos remete a questionar a importância de uma saúde pública, sediada pelos órgãos públicos estaduais competentes, visando a união da família, a erradicação da pobreza, um menor índice de fome, evasão escolar e falta de moradia, os quais são fatores que descaracterizam a condição humana e nos deixa grande fragilidade mental. Quanto às expressões cotidianas da compreensão de saúde, podemos mencionar de modo geral, dados obtidos a partir de entrevistas realizadas com as alunas que reconhecem a importância da saúde para as suas vidas, embora não apresentem clareza sobre o seu conceito. Definem saúde como fator intrínseco e que não é determinada unicamente por condições sócio-econômicas: “Às vezes as pessoas não tem um bom emprego, não tem um bom salário, mas tendo saúde todo mundo vive feliz”. Esta fala, tanto pode ser uma tentativa de contrariar a concepção de que a saúde seria um bem de consumo, quanto pode estar relacionada à concepção de que a saúde depende apenas do indivíduo e não de todo contexto no qual o mesmo se insere, pensamento condizente com o modelo ideológico neoliberal, no qual nos inserimos. Portanto o conceito de saúde expresso na escola, na prática de sala de aula, não reflete a realidade e não condiz com as teorias abordadas nas disciplinas de Psicologia, Sociologia e Filosofia. Quanto à fala das professoras em relação ao conceito de saúde, pode-se pensar que estas a entendem como certo equilíbrio físico e psíquico, uma capacidade de enfrentar as dificuldades cotidianas. Percebemos que, embora em segundo plano, estas associam saúde e o contexto sócio, político e econômico no qual cada indivíduo se insere. Em relação à concepção de saúde mental, observamos que esta se confunde em alguns momentos, tanto na fala das professoras quanto na das alunas, com a doença mental. Apesar disso, tanto alunas quanto professoras parecem entender que a saúde mental não caracteriza a ausência de problemas cotidianos, mas sim na capacidade de se lidar e enfrentar os mesmos, sem que para isso seja necessário o uso de drogas por exemplo. Podemos afirmar, a partir do estudo realizado, que na atualidade existem fortes discussões sobre o tema aqui abordado, discussões estas que certamente expressam o jogo de poderes de nossa sociedade. Isto pode ser percebido por meio de concepções de

saúde que a consideram um bem de consumo, como algo utópico e inatingível em contraposição às concepções que a entendem como processo normativo, de transformação e interação com o meio natural, social e histórico. Consideramos, nesse contexto, que a educação e a escola são espaços de luta, nelas estão contidas as principais conquistas sociais e a produção da história dos sujeitos sociais, portanto é nelas e por meio delas que uma re-elaboração e redefinição das próprias formas de representação significadas social e emocional devem surgir. É nesta perspectiva que cresce nossa preocupação por saber que a educação de jovens - o nível médio de ensino - o que mais cresceu nas últimas décadas sem, contudo, criar condições favoráveis para o usufruto de sua saúde mental – condição essencial à superação do processo de reificação do homem. A partir desse olhar, entendemos que o papel do professor é apresentar para o aluno os conhecimentos tecidos pela humanidade ao longo do tempo, e a partir de um processo de ensino possibilitar a aprendizagem – a apropriação de um conhecimento social de forma individual e com um significado próprio. Entretanto, em sala de aula, com alunos do ensino médio “[...] em nossas observações, percebemos que os professores trabalham com o objetivo de fazê-los memorizar e reproduzir conteúdos, sem enfatizar alguma análise de quanto os conteúdos programáticos enquanto ciência são importantes e úteis para a vida dos alunos” (SILVA, 1995, p.30).

### **Referências**

Brasil. (1994). Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Departamento de Assistência e Promoção à Saúde. Coordenação de Saúde Mental. **Relatório final da 2ª Conferência Nacional de Saúde Mental**. Brasília.

——— (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Saúde parte 1. In: **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: Temas transversais**. Brasília, p. 249-265.

Conselho Regional De Psicologia.(2004) Região. **Saúde Mental**. CRP-08- Comissão de Ética.

Organização Pan-Americana Da Saúde & Organização Mundial Da Saúde.  
(2001) **Relatório sobre a saúde do mundo, saúde mental: nova concepção, nova  
esperança**. Gráfica BRASIL. .

Silva, R. G. D. (1995) **A disciplina de psicologia no magistério:**  
Contribuições para o Ensino. Marília. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual  
Paulista.